

IMAGINÁRIO SOCIAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM NOVO OLHAR SOBRE A CULTURA CORPORAL

Kalyla Maroun

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UERJ)
Graduada em Educação Física (UERJ)

Valdo Vieira

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UERJ)
Mestre em Ciência da Motricidade Humana (UCB/RJ)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo esclarecer a inter-relação do imaginário social com a cultura corporal, delimitando a importância deste conhecimento para a prática pedagógica da educação física. Podemos descrever brevemente o imaginário como símbolos, compartilhados por determinado grupo ou sociedade, que influenciam as diversas esferas das relações sociais. Já a cultura corporal pode ser caracterizada como linguagem através do corpo envolvendo símbolos que vão sendo construídos e desconstruídos de acordo com determinado contexto sócio-histórico-cultural. Sendo assim, a inter-relação desses conceitos pode nos trazer fontes fundamentais de reflexões sobre os mais diversos panoramas relacionados aos esportes e ao corpo.

ABSTRACT

This study has for objective establish a relation among the social imaginary and the corporal culture delimiting the importance of this knowledge to the pedagogic practice of the physical education. The social imaginary can be shortly described as symbols shared by certain group or society that influence the social relationships. The corporal culture can be characterized as a language through the body involving symbols that go being gradually built and destroyed second certain effective cultural-historical-social context. The relation of these concepts can become fundamental source of reflection on the most several panoramas related to the sport and body.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo clarificar la interrelación del imaginario social con la cultura corporal y su importancia para la práctica pedagógica de la educación física. Podemos describir brevemente el imaginario como símbolos, compartillados por determinado grupo o sociedad, que influncian las numerosas esferas de las relaciones sociales. La cultura corporal puede ser caracterizada como lenguaje a través del cuerpo que arrolla símbolos que se construyen y desconstruyen de acuerdo con determinado contexto socio-histórico-cultural. Así, la interrelación de esos conceptos nos puede traer fuentes fundamentales de reflexiones sobre los más diversos panoramas relacionados a los deportes y al cuerpo.

INTRODUÇÃO

A idéia de imaginário, que durante muitos séculos ficou ‘abandonada’ em função da dominação de determinadas filosofias racionalistas, se tornou recorrente no dia-a-dia,

entrando na linguagem do cotidiano da sociedade contemporânea com grande destaque. Na mídia, por exemplo, proliferam alusões ao imaginário, o que, contudo, não esclarece seu verdadeiro significado, tornando-o uma palavra altamente polissêmica, isto é, dotada de múltiplos sentidos.

Algumas questões chamam a atenção quando pensamos em imaginário e ciência. Entre elas podemos destacar a antiga idéia, que aos poucos vem se debilitando, de antagonismo entre ciência (nobre, rígida, conservadora) e imaginário (fluido, imprevisível, rebelde). Surge neste contexto o conceito de imaginário cientificista na busca de harmonização dessas noções (imaginário e ciência) de maneira que seja possível veicular uma ideologia de equilíbrio entre ambas (NEVES, 1998).

Essa exaltação do imaginário pode ser compreendida como um prolongamento de uma nova forma de investigação, legitimada, que (re) surgiu recentemente no meio acadêmico. As investigações no campo do imaginário vêm como um caminho alternativo, seguindo em direção contrária à do racionalismo positivista, ainda soberano na ciência, trazendo conseqüências relevantes para a compreensão dos fenômenos sociais. Segundo Maffesoli (2001, p.5) “nós não nos damos conta de que não podemos mais economizar este imaginário na compreensão da vida social”.

Entre alguns fenômenos sociais dignos de estudo na contemporaneidade podemos destacar aqueles que se associam à educação física. Ou melhor, à cultura corporal, que está presente no cotidiano da sociedade moderna em diversos âmbitos: seja nas discussões sobre uma partida de futebol, nas peladas de rua, nas escolas através da educação física escolar, nas academias de ginástica, nos clubes, nos projetos sociais, nos valores e representações relativos ao corpo, entre outros. A educação física, enquanto área de conhecimento, por ter como objeto de estudo a cultura corporal pode e deve utilizar a abordagem do imaginário social para compreender como se dão os fenômenos sociais relativos à sua prática.

O objetivo do presente artigo é clarificar a inter-relação do imaginário social, enquanto forma de investigação científica, com a cultura corporal e a relevância disso para a prática pedagógica do educador físico. Portanto, mais do que fornecer respostas prontas pretendemos iniciar uma discussão sobre esta temática fornecendo subsídios básicos para um futuro aprofundamento.

IMAGINÁRIO SOCIAL

Inicialmente, devemos compreender o que é imaginário. De acordo com Augras (2000) o conceito do que vem a ser imaginário não se encerra em apenas uma dimensão. Sendo assim, não vamos nos ater às variações conceituais acerca da temática, e sim abordar conceitos úteis para o entendimento do que a compõe.

Para Augras (1995) o imaginário concerne todas as criações do homem que vão desde pensamentos simples até pensamentos mais complexos como a ciência. Ainda segundo a autora, o imaginário está no cotidiano, em todos os momentos, na realidade em que se vive.

Segundo Maffesoli (2001), o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade. O imaginário estabelece vínculo, é cimento social, ultrapassa o indivíduo, impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser nunca individual. Mais do que isso, só existe imaginário coletivo. Isso significa dizer que por trás de “um” imaginário qualquer, se encontra o imaginário do grupo no qual estamos inseridos

O imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, um símbolo, uma idéia de mundo. Assim sendo, o imaginário é real, uma força social, podendo ser comparado uma aura: sabemos

que ele existe, percebemos a sua influência, no entanto não podemos quantificá-lo. O imaginário não é palpável.

A partir do que foi abordado acima, podemos especular que a utilização do termo imaginário social pode parecer redundante, visto que o imaginário, segundo Maffessoli, só existe enquanto possa ser compartilhado. Assim sendo, o imaginário só pode ser concebido como social ou coletivo.

Podemos dizer que ao imaginar, o indivíduo se permite realizar desejos privados no dia-a-dia, conquistar o impossível, ultrapassar barreiras, transformar-se naquilo que almeja ser. Portanto, imaginar é concretizar através de sentidos imagéticos, tudo o que o mundo real, se não interdita, pelo menos dificulta. O imaginário permite às pessoas voltarem às fontes de si mesmas e, ao mesmo tempo, evadirem-se de si para buscar suas ligações com o mundo, vivenciando um constante jogo de equilíbrio entre o interno e o externo. O mundo imaginal contamina todos os campos da vida social, seja ele qual for (MAFFESOLI, 1993).

A relação que se institui entre o indivíduo e o mundo não é direta, e sim mediada por processos de pensamento. O indivíduo não lida diretamente com as *coisas* e sim com os significados atribuídos às *coisas*, o que se desenrola através da cultura. O ambiente cultural, portanto, é formador do simbolismo e este, o simbolismo, pode ser entendido como o resultado ou a extensão concreta e “real” do imaginário. Durand (1997), por exemplo, não demonstra uma diferenciação clara entre o símbolo e o imaginário em sua obra intitulada *As estruturas antropológicas do imaginário*. Para o autor, o mais importante é entender que ambos se caracterizam pela função de mediadores nas relações que os indivíduos estabelecem com eles mesmos, com o outro e com tudo o que está ao seu redor.

É pelo fato de inúmeras coisas se situarem para além dos limites do conhecimento humano que utilizamos constantemente termos simbólicos para representar conceitos que não podemos definir nem compreender por completo. Isso quer dizer que o símbolo exprime o invisível, o inefável, o indizível, de forma que ele seja a representação mais fiel do objeto em questão, transcendendo seu signo. Não existindo, para ele, um encerramento ou um fim determinado.

Nesta perspectiva podemos refletir, entre inúmeras outras situações, sobre as formações imagéticas e simbólicas que permeiam a cultura corporal.

Torna-se importante que o profissional da área de educação física compreenda os sentidos, símbolos e significados - expressos segundo algum/alguns dos imaginários circulantes - que norteiam sua prática profissional, visto que os redimensionamentos dos valores e imaginários relacionados a estas práticas específicas vêm despertando grande interesse das pessoas e da mídia. Deste modo, Augras (1995) expõe que devemos honrar o imaginário e permitir que aflore em todos os momentos da vida. Não cultivá-lo como simples enfeite que embeleza o cotidiano ou como código fantástico que deve ser decifrado a todo o custo a fim de que desvendem os mistérios da alma, mas sim em qualidade de componente intrínseco do mundo humano.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL

A prática da atividade física é muito anterior a todo este momento atual de exaltação e culto ao corpo. Ela surgiu muito antes do ser humano ter a consciência do seu significado. Isso não quer dizer que não havia sentido atribuído aos movimentos para o homem primitivo, mas sim, que estes sentidos seriam distintos daqueles que se apresentam atualmente. Ao nos remetermos à natureza humana podemos especular que não há nada que anteceda o movimento. O homem primitivo, por exemplo, utilizava-se das atividades corporais naturalmente como ferramenta para sua própria sobrevivência. Através dela

desenvolvia valências físicas tais como: flexibilidade, força muscular localizada, resistência aeróbia, agilidade, entre outras.

Com o passar dos anos o homem foi se modificando e a cultura corporal foi acompanhando-o, tornando-se sua aliada. Assim, o homem simultaneamente ao movimento histórico da construção da corporeidade, foi criando outras atividades, outros instrumentos, e através do trabalho foi transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo.

O desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal é de extrema importância para o ser humano. Precisamos compreender que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando. Todas essas atividades foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas. Essas e outras atividades se articularam ao longo do tempo, e ainda se articulam, compondo o objeto de estudo da educação física. Isso significa que independente do período histórico e do tipo de abordagem realizada, o movimento humano sempre foi o principal instrumento da educação física.

De acordo com o livro Coletivo de Autores (1992, p.50) “perguntar o que é a educação física só faz sentido quando a preocupação é compreender essa prática para transformá-la”. Diferentes respostas têm sido historicamente construídas sem, contudo, contribuírem para a superação da prática conservadora existente.

Dentro do mesmo trabalho acima citado, algumas respostas carentes de uma teorização mais ampla foram abordadas, como por exemplo: educação física é educação por meio de atividades corporais; educação física é educação pelo movimento; educação física é esporte de rendimento; educação física é educação do movimento; educação física é educação sobre o de movimento.

Ainda segundo o Coletivo de Autores (1992, p.50): “a educação física é a uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”.

O movimento humano, por ser uma forma de expressão cultural, carrega consigo elementos históricos, éticos, étnicos, técnicos, filosóficos e políticos que devem ser estudados e praticados. Portanto, a educação física deve contribuir para que os indivíduos possam conhecer, escolher, vivenciar, transformar, planejar e julgar os valores associados à prática da atividade física, e não apenas praticar sem entender esta prática, simplesmente aderindo (ou não) à moda da atividade física.

Segundo Freire (1991), o que preponderou a respeito das condutas motoras é o que sempre se aprendeu com a ciência tradicional, reduzindo-se o complexo ao simples. O fenômeno da motricidade humana, por exemplo, foi sempre reduzido a particularidades extremamente elementares, como se fosse possível explicar fenômeno de tal magnitude apenas pelos seus procedimentos práticos: aferição da gordura corporal, da circulação sanguínea, da resistência aeróbia, da força muscular e assim por diante.

Segundo Braunstein e Pépin (1999), o corpo não se revela apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas também como fato social, psicológico, cultural, religioso. Sua subjetividade está sempre produzindo sentidos que representam, diferenciadamente, sua cultura, desejos, paixões, afetos, emoções, enfim, o seu mundo simbólico.

Nesta perspectiva de tentarmos clarificar o objeto da educação física, citamos Bracht (1996, p.24, grifo nosso):

[...] movimentar-se é entendido como uma forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas também,

possibilitada por ela. É uma linguagem, com especificidade, é claro, mas que enquanto cultura habita o **mundo do simbólico**. A naturalização do objeto da Educação Física por outro lado, seja alocando-o no plano do biológico ou do psicológico, retira dele o caráter histórico e com isso sua marca social. Ora, o que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido/significado do mover-se. **Sentido/significado** mediado **simbolicamente** e que o colocam no plano da cultura.

Sendo assim, o movimentar-se, tal como o corpo, precisa ser entendido e estudado como uma complexa estrutura social de sentido e significado, em contextos e processos sócio-históricos específicos e não apenas como um emaranhado de funções fisiológicas que o constituem.

Segundo Mendes (2002) a educação física recebe tanto a influência do biologismo como a do antropologismo e os avanços epistemológicos que estão a influenciando ora enfatizam as ciências naturais, ora as ciências humanas. No entanto, não se pode separar o biológico da cultura, já que o homem é biocultural. Os movimentos estão inseridos em um contexto social que os permite ter diferentes significados e sentidos, ou seja, o corpo vai se construindo e desconstruindo e se comunicando através de seus gestos. Por isso, a contribuição das ciências humanas é de extrema importância nos estudos desta área.

Mesmo com toda esta influência antropológica e social, ainda podemos sugerir que a educação física e seus profissionais, em sua grande maioria, continuam baseando sua prática numa visão mecanicista, aceitando sem contestar um modelo de corpo proveniente de estudos biológicos que ignoram as diversidades culturais, homogeneizando os indivíduos e desconsiderando a subjetividade humana.

A INTER-RELAÇÃO DO IMAGINÁRIO COM A CULTURA CORPORAL

Ao concluirmos a breve explanação sobre imaginário social e educação física na perspectiva da cultura corporal é possível discorrermos sobre a inter-relação de ambos. A articulação desses conceitos é fundamentalmente importante haja vista que algumas questões ainda não foram totalmente esclarecidas, tais como: o que imaginário social tem a ver com educação física? Ou ainda: como o conhecimento da inter-relação imaginário social e cultura corporal pode beneficiar a atuação do profissional de educação física? O que podemos dizer a princípio é que estes dois conceitos têm uma grande área de interseção.

Resumidamente podemos descrever o imaginário social como: sentidos, símbolos e significados que emergem em dado contexto sócio-histórico-cultural e são compartilhados por uma sociedade ou grupo, influenciando decisivamente as relações sociais.

Já a cultura corporal: linguagem através do corpo envolvendo símbolos e significados de acordo com contexto sócio-histórico-cultural. Logo, a cultura corporal na sociedade contemporânea não pode ser encarada como algo arbitrário, mas sim como uma teia de símbolos que foram se construindo e desconstruindo, também na perspectiva do imaginário social, até se transformar no que hoje a concebemos. A cultura corporal está inserida dentro do imaginário assim como o imaginário pode ser claramente observado e analisado através desta. Podemos afirmar, por exemplo, que existe *um* imaginário ou *alguns* imaginários acerca da cultura corporal na atualidade distintos daquele ou daqueles que foram instituídos e propagados em outro período sócio-histórico-cultural.

A educação física no Brasil, ao longo dos anos, foi sendo constituída de acordo com interesses alheios, ou seja, os objetivos de sua prática eram ditados de fora para dentro. Foi assim no período pós-independência, onde possuía caráter de eugenia e de higienismo; no Estado Novo, onde predominava o interesse em formar cidadãos-soldados; e na ditadura, onde a educação física e o esporte eram estimulados através da performance esportiva, o

que os tornava alienantes (CASTELLANI FILHO, 1991). Atualmente parece que a educação física e seu objeto de estudo ainda não têm vida própria. Ambos continuam seguindo modelos impostos pela mídia e pela sociedade, transformando pessoas naquilo que querem que se transformem, sem qualquer tipo de reflexão ou de transgressão.

A cultura corporal, por si só, carrega consigo elementos fundamentalmente simbólicos que ditam as regras das práticas corporais. Um bom exemplo é o redimensionamento de valores relacionados ao corpo na atualidade que parece modificar a rotina de indivíduos (homens, mulheres, jovens, adultos, crianças e idosos) os tornando “escravos” de um padrão de beleza vigente. Sabemos que o padrão de beleza atual não é o mesmo daquele que imperava no início do século passado. Por que isso ocorreu? Os esportes de aventura vêm se expandindo consideravelmente na atualidade. O que os fez e ainda os faz crescer tanto no Brasil e no mundo? Estas e outras questões poderão ser respondidas e compreendidas, também, sobre o olhar do imaginário social.

Com relação à aparência corporal na contemporaneidade, Goldenberg (2002) afirma que a “forma física” vai ditar as regras de convivência no meio social. O corpo na passa a ser um valor que vai identificar se o indivíduo pertence ou não a um grupo de “valor superior”, grupo este que é concebido por aqueles indivíduos que conseguem se autodisciplinar e ter autocontrole para exibirem-se “malhados”, “sarados”, como se cuidar do corpo fosse sinal indicativo de virtude humana. Isso significa dizer que as pessoas passam a se agrupar mediante a apresentação desse corpo, o que pode ser considerado uma das formas de compartilhar *um* imaginário na sociedade contemporânea.

As ponderações acima elaboradas são questões passíveis de serem investigados dentro da educação física. Entretanto, essas e outras questões podem ser abordadas de diversas maneiras, o que resultará em diferentes pontos de vista. O imaginário social é uma das possíveis abordagens para as questões acima relacionadas. Através de sentidos, significados e símbolos podemos compreender, por exemplo, o que leva pessoas a procurarem a prática de esportes de aventura que muitas vezes podem até oferecer riscos aos seus praticantes. A partir deste conhecimento estabelecemos uma profunda relação com nosso objeto de estudo e nos confrontamos com o lado invisível da realidade humana, o que diz respeito às sensações, sentimentos, afetos e sentidos, ou seja, tudo aquilo que não pode ser quantificado, o subjetivo.

Não basta que os educadores físicos saibam as origens dos jogos, das brincadeiras, as regras e as táticas dos esportes, a fisiologia do organismo. Não basta que eles se utilizem desta cultura corporal em suas práticas se estas, na verdade, não transgredirem uma mera reprodução alienante de movimentos. Eles devem encarar o real sentido do seu objeto de trabalho e tentar compreender que a cultura corporal não pode ser dissociada do imaginário, já que este estará sempre intrinsecamente presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que este estudo tratou de uma temática que, embora venha se expandindo consideravelmente no meio acadêmico, ainda é pouco explorada pela educação física. A visão tecnicista da educação física parece empregar ainda forte influência em suas dimensões acadêmicas e profissionais.

Isso pode ser reflexo do domínio da esfera biológica na formação do educador físico - e conseqüentemente na sua prática pedagógica - o que pode estar limitando o desenvolvimento de pesquisas que explorem esta forma de investigação.

O imaginário social, respaldado em suas técnicas próprias de investigação, deve ser compreendido como um dos inúmeros possíveis caminhos para a abordagem de problemas pertencentes à educação física. Devemos começar a questionar o paradigma corpo/mente e compreender que na natureza humana não podemos separar o biológico do social, do

cultural, do antropológico e do psicológico. Mesmo enfatizando o *biologismo* em sua prática, o educador físico deve ter a consciência de que o corpo e o movimento vão muito além de simples reações fisiológicas. A cultura corporal, enquanto objeto de estudo da educação física, possui grande interseção com os estudos do imaginário, nos fornecendo fontes fundamentais de reflexão, significados e sentidos que permeiam este panorama relacionado aos esportes e ao corpo que se encontram tão difundidos e valorizados na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique. **Psicologia e cultura**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

_____. Mil janelas: teóricos do imaginário. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.107-131, 2000.

BRACHT, Valter. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p.23-28, 1996. Suplemento 2.

BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean-François. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil – a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1991.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, João Batista. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MAFFESOLI, Michel. Os imaginários sociais. **Psicologia e Práticas Sociais**, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.5-22, 1993.

_____. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.15, p.74-81, 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Corpo, biologia e educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.24, n.1, p.9-22, 2002.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. A construção do discurso científico: implicações sócio-culturais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

Endereço dos Autores:

Kalya Maroun
Rua Almirante Alexandrino 2603, casa 48, Santa Teresa. Rio de Janeiro/RJ.
(kalylamaroun@gmail.com)

Valdo Vieira
Rua Professor Gabizo 315, apartamento 302, Tijuca. Rio de Janeiro/RJ.
(valdovieira@gmail.com)